

**“ A decadência e queda de Roma Ocidental:  
uma comparação com o presente estágio do Imperialismo  
Americano.”**

*Fernando G. Sampaio*

## 1. INTRODUÇÃO

As recentes campanhas americanas no Afeganistão e no Iraque, trouxeram algumas especulações, em todo o mundo, sobre estarmos assistindo a uma fase militarista-expansiva da República Imperial Norte Americana, o que seria o prelúdio de sua próxima e inevitável Queda, já identificada pela sua cultura, dita “Decadente”.

Pareceu-nos importante analisar esta questão com alguma profundidade, para sabermos se é possível utilizar o precedente Romano para esclarecer algo do atual processo histórico.

Vamos observar, ao longo deste trabalho, que as causas da Decadência e Queda do Império Romano Ocidental são muito específicas e vamos observar, igualmente, que a História não se repete.

Antes de começar, porém, é necessário esclarecer alguns problemas de conceitos.

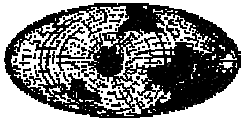
O que queremos dizer por decadência, declínio, queda, bárbaros ou hegemonia. Parece-nos que não podemos seguir adiante sem deixar bem claras estas questões, que tem significado tanto para o Império Romano como para os nossos dias.

## 2. CONCEITOS

Pesquisando em variadas fontes e adaptando para o nosso uso, neste trabalho, devemos entender os conceitos chave, da seguinte maneira:

2.1 DECADÊNCIA é um estado em que existe perda e retrogradação de valores e posições anteriormente alcançadas.

2.2 DECLÍNIO já é um conceito totalmente relativo, pois uma Nação ou Poder pode estar em crescimento, mas se este crescimento não lhe permite manter a mesma posição relativa anterior, em relação a outras Nações ou Poderes, ele esta declinando, mesmo que não exista perda de dinamismo.



2.3 QUEDA é um momento, geralmente concentrado em um período pequeno e particular de tempo, em que uma Nação ou Poder perde sua independência e deixa de possuir maior significado no jogo político-militar contemporâneo.

2.4 BÁRBARO é um termo mais ou menos técnico, em arqueologia, e significa uma população seminômade, semi-agrícola, sem domínio dos processos de escrita e vivendo em organizações sociais de nível de aldeia, podendo formar até confederações para fins ofensivos ou defensivos.

2.5 HEGEMONIA é o processo de liderança que um Povo ou Nação ou Poder exerce sobre os demais, contanto que os fins que ele balize sejam aceitos de forma mais ou menos voluntária pelos demais.

A definição que nos causa maior problema é a de Bárbaro. Para os gregos eram todos aqueles que não fossem gregos. Já para os Romanos, eram os habitantes de fora do império, mas, ao que tudo indica, não englobava os integrantes dos impérios com que Roma se chocava, como os Partos. De qualquer forma, este conceito está associado ao objetivo central da guerra por parte de povos que não desejavam plantar, criar, mas sim saquear, destruir, sem quaisquer considerações ou propósito. Era bem diverso o método dos Romanos em destruir um adversário, até as raízes, pois para isto escolhiam um, em particular, que lhes tivesse feito uma resistência muito feroz e o submetiam a um tratamento bárbaro, mas com o fim de inspirar terror e isto era deliberado, com o objetivo final de obter a submissão nos territórios conquistados.

O conceito de “bárbaro” tem especial destaque em nossos estudos pois implica em definir aquilo que já se apelidou de “os Novos Bárbaros” ou simplesmente “Bárbaros do Sul.” Mais tarde voltaremos a este problema.

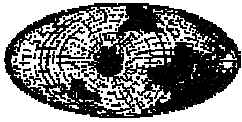
### 3. A SITUAÇÃO DE ROMA

Devemos dividir a História de Roma, para os fins de nossa exposição, em três partes:

1. República: fase de expansão imperial
2. Alto Império: recuo e consolidação
3. Baixo Império: decadência e penetração bárbara

A parte que nos interessa analisar é a de nº 3, dando alguma atenção a problemas da fase nº 2.

Como todos sabem, Roma, quando era República, enfrentou uma série de lutas para submeter seus vizinhos e obter a soberania sobre toda a Península Italiana e, durante este processo, atacou e destruiu o poder colonizador e



marítimo dos cartagineses, dos gregos e, também, realizou sua expansão para as chamadas Gálias, o que era um movimento defensivo, já que dali vinham sucessivas invasões de saqueadores que preocupavam a administração romana.

Tão logo termina a gigantesca guerra civil que vai marcar o fim do período republicano e dar início ao Império, com Octaviano, a situação romana já é confortável. Ela domina um território e uma população enormes e se preocupa, agora, em consolidar e administrar estas conquistas.

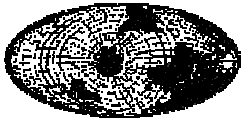
Para isto os romanos recuam de sua tentativa de manter a fronteira das Gálias no rio Elba e a fixam no Reno. Ao mesmo tempo, em outro movimento estratégico, tentam fazer uma muralha ( limes ) nos Campos Decumatos, para encurtar a linha de fronteira, mas são obrigados a recuar, também ali, para o curso do Reno, ao qual adicionam o curso do rio Danúbio, como sua linha fronteira no restante da Europa. Para melhorar esta enorme fronteira, eles abandonam a Dácia ( aproximadamente a atual Romênia ) e fixam colonos-militares nas fortificações que erguem em toda a parte, ao mesmo tempo em que abrem estradas e trilhas ( todas pavimentadas e muitas fortificadas ), unindo a linha de fortes de fronteira, com os acampamentos permanentes das Legiões ( os castra ), que estão situados a alguma profundidade e permitem o envio de reforços ou contra-ataques em zonas da fronteira onde isto se faça necessário. Enormes esconderijos, em cavernas ou semi-subterrâneos, nas florestas, são providenciados, onde se estocam os materiais para abastecer as legiões ( espadas, flechas, couros, pregos, etc, etc. ).

PORTANTO, quando se dá o período de decadência de Roma, esta não estava mais em atitude conquistadora. Roma já deixara de ser uma potência expansionista e procura administrar seu Império e preservar sua Civilização.

ISTO É muito importante como ponto comparativo, em relação à atual posição dos Estados Unidos no mundo: os americanos estão, precisamente, iniciando uma fase de expansão militar sem paralelo e procuram, objetivamente, ampliar a área de dominação de sua Civilização, ou seja, de seus valores civilizacionais, em especial os chamados princípios democráticos e dos direitos humanos.

#### 4. A PAX ROMANA

Para poder realizar a obra administrativa, Octaviano instituiu, de forma deliberada, um império de Pax Romana, também chamada de Pax Augusta e que durou duzentos e cinquenta anos! Isto é extraordinário, no curso histórico. Basta comparar com a Pax Britannica, que foi de 1815 até 1914, ou seja, da derrota de Napoleão ao início da 1ª Guerra Mundial: cem anos.



O que era esta Pax Romana? Muitas considerações errôneas tem sido feitas sobre tal período, que foi uma época extraordinariamente benéfica para o Mundo Mediterrâneo. A imposição do Imperium pelos Romanos, tirou das cidades-estado da antiguidade, a capacidade de declararem guerra e, com isto, as guerras que dilaceravam a Grécia antiga e, depois, a Itália, deixaram de existir. Ao mesmo tempo, lançando uma ditadura disfarçada, uma espécie de tirania, que mascarava o fato de ser Soberano Absoluto, Cesar Octaviano Augusto conseguiu eliminar os partidos e as rivalidades que, desde os tempos republicanos, tinham feito os Romanos disputarem o poder de forma violenta, originando sucessivas guerras civis. Sua vitória sobre Marco Antônio e Cleópatra, fora uma guerra civil de vulto nunca antes visto, envolvendo o Oriente contra o Ocidente.

Estas guerras, pelo vulto de mortes e destruição que acarretavam e com duração de ate dez anos, tinham tornado a vida completamente insegura para as populações e os negócios.

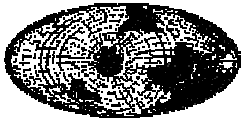
A administração romana, ao impor a Paz entre as cidades, antes independentes, e ao impor a paz aos partidos romanos, obteve um enorme triunfo sobre os séculos passados: as expedições militares que se deram no longo período de quarenta anos de reinado de Augusto, foram para repelir invasões nas fronteiras. Da mesma forma, seus sucessores, até o grande Marco Aurélio, lutaram para expulsar da linha de fronteira os bárbaros, que insistiam em saquear as populações rurais e as cidades romanas.

Mas, internamente, o Mundo Mediterrâneo, as cidades, antes Estados, e a política romana, viveram um período de Pax Absoluta, como o mundo antigo jamais assistira até então e é isto que dá aos Romanos e ao período de Pax Romana sua imensa grandeza.

PELO CONTRÁRIO, não existe nenhum projeto para estabelecer uma Pax Americana. Os que imaginam que atacando fora de suas fronteiras, para instaurar seus princípios civilizacionais sobre outros povos, levaram a algum século da Pax Americana estão enganados sobre a natureza do processo.

O avanço contínuo dos americanos, que agora tem como zona de intervenção a Ásia Central e o Oriente Médio, só aponta para sucessivas campanhas militares, contra outros países, sem que uma época de paz seja possível, já que se trata, também, de lutar contra um outro inimigo invisível, o Terrorismo Internacional Fundamentalista, com o qual, alias, é impossível negociar e impor quaisquer termos de paz.

A NATUREZA do sistema atual, portanto, exclui a Pax Augusta. A Inglaterra, em sua época, ainda conseguiu livrar o mundo de guerras, só tendo sido travadas, naquele período, campanhas coloniais, nas áreas de fronteira.



Mas isto se devia ao fato de os ingleses terem destruído militarmente a única potência ( a França ) que os tinha desafiado pelo domínio mundial e não existir, em sua época de Apogeu, nenhum outro poder contestador. Bastou, no entanto, o surgimento e evolução da Potência Ascendente Prussiana, que ameaçava dominar a Europa, para o ciclo das guerras intraeuropeias ( também chamadas guerras civis europeias e que sempre extravasaram para o restante do mundo ) ter início.

ISTO NOS CONDUZ a outra colocação importante. Os Estados Unidos são um poder Declinante, mas não Decadente. Ou seja, os EUA são uma potência econômica de primeira grandeza, basta lembrar que e a maior potência agrícola do mundo, além de deter parque industrial gigantesco e ser a sede dos desenvolvimentos científico-tecnológicos. Como se não bastasse, e o impositor mundial de modas e modismos ( ideologias ) e, ainda, o centro mundial das finanças.

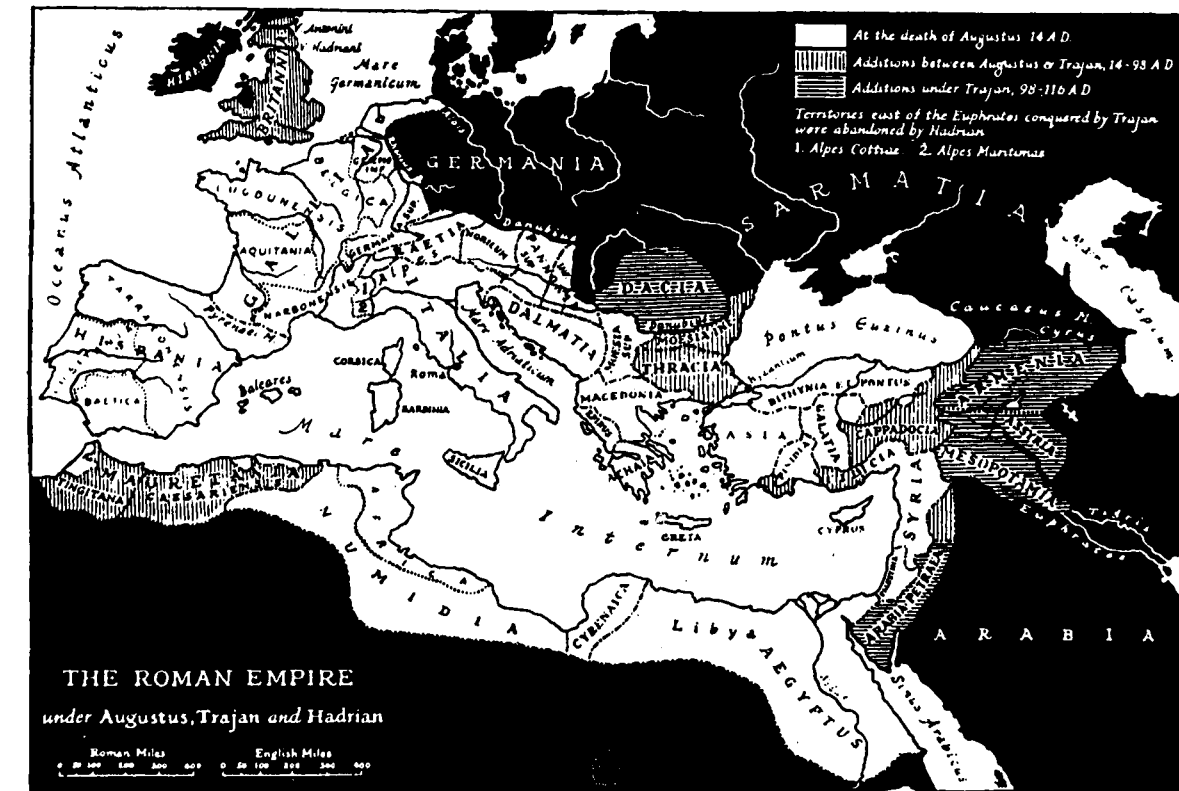
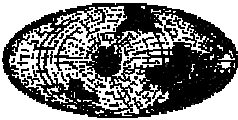
OS ESTADOS UNIDOS são Declinantes, no sentido que, desde o final da 2ª Guerra Mundial, sua posição na economia mundial vem encolhendo, mas nem se imagine que eles deixam de enriquecer por causa disto. Não. O que ocorre é que a recuperação da Europa, do Japão e a ascensão Asiática e, mais recentemente, da China, fizeram surgir centros dinâmicos de criação de riqueza e poder que ocupam posições cada vez maiores, retirando do poder americano sua primazia. O mundo enriquece e os americanos, que também continuam enriquecendo, não são mais os únicos. Só isto. As conversas sobre uma “decadência” americana são muito discutíveis. Geralmente se trata de não reconhecer que uma sociedade de massas se tornou exitosa em distribuir riqueza entre a maioria esmagadora e isto, sem dúvida, alterou os padrões de educação, cultura e finesse. Mas isto é uma transformação.

## 5. A GRANDEZA DE ROMA

Em comparação com todo o poderio americano e relativizando a questão, podemos dizer que os Estados Unidos não chegaram e nunca vão chegar perto do que Roma representou como Poder Mundial.

Este mapa, que reproduzimos abaixo, nos dá uma ideia do que era Roma:

um Império que abrangia a maior parte da Europa Ocidental, zonas extensas da Ásia Menor e Oriente Médio, o Egito e o norte da África. Portanto, Roma era uma potência Européia-Asiática-Africana!



*The Decline of the Roman Empire in the West – Frank W. Walbank*

*Henri Schuman Editor, New York, 1953*

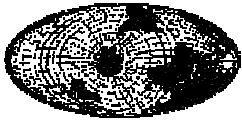
Os dados estatísticos que sobraram dos Arquivos Imperiais, mais os resultados dos trabalhos arqueológicos, nos mostram que Roma dominava mais de 120 milhões de pessoas, quando a população total mundial é estimada, para a época, em cerca de 250 milhões de pessoas!

ROMA, portanto, governava, praticamente, metade da população que existia no mundo!

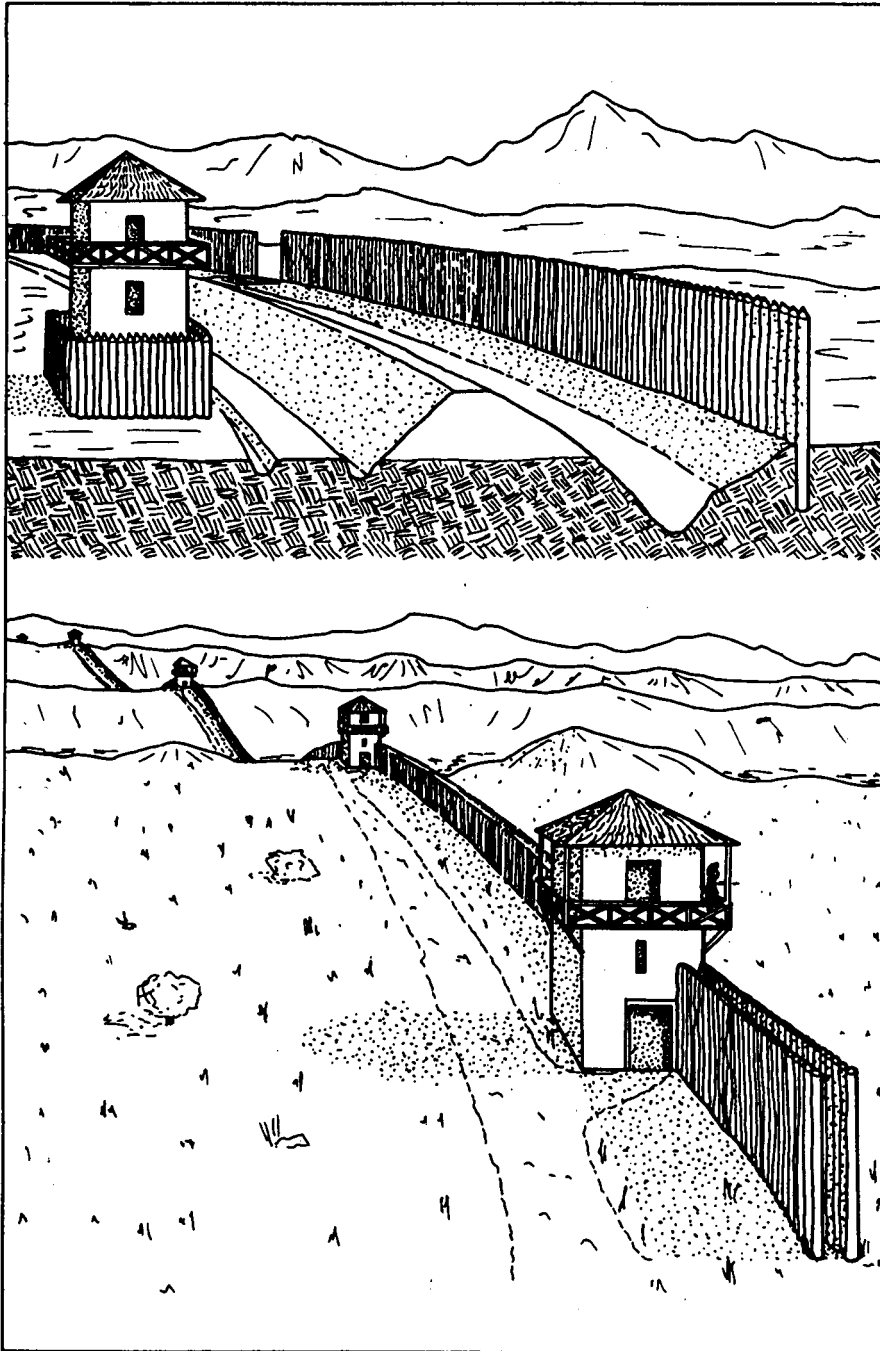
E era uma potência eminentemente urbana. Os cálculos indicam que só a Itália tinha 1.197 cidades e uma província como a Espanha, abrigava 360 cidades.

Estas milhares de cidades estavam ligadas por uma imensa rede de estradas pavimentadas e eram servidas, também, por centenas e centenas de portos de mar e fluviais.

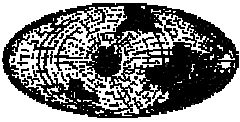
A imensidão da tarefa administrativa é evidente para todos. As mensagens tinham que trafegar à cavalo ou de barco a vela. Os exércitos se moviam à pé. O trânsito de mercadorias era muito caro. Quanto mais a pressão dos bárbaros se fazia sentir, mais Roma investia na defesa, chegando, no Baixo Império, a determinar a fortificação das cidades, trabalho imenso. Em Roma, a muralha tinha 19 quilômetros ( ainda existe boa parte ).



Esquema arqueológico dos limites defensivos na Alemanha contra os bárbaros.



*A Queda do Império Romano: a explicação militar – Arther Ferril*  
*Jorge Zahar, editor – Rio de Janeiro, 1989 – p.27.*



Defender, fortificar, pagar tributos aos bárbaros para que não ataquem, estender a cidadania romana a todos os habitantes, para aumentar a coesão do todo face aos invasores. Eis as medidas que são tomadas, ao mesmo tempo em que as capitais são transferidas e o poder dividido, para melhor poder acudir aos pontos ameaçados.

Assim, muito antes de sua queda, os Romanos são obrigados a dividir seu Império, o que vai criar rivalidades administrativas internas que resultarão, no futuro, em mais um fator de enfraquecimento e da queda.

O Império Romano, cujo mapa geral já vimos, é, em seu período final, de forma administrativa, conforme nos mostra este outro mapa:

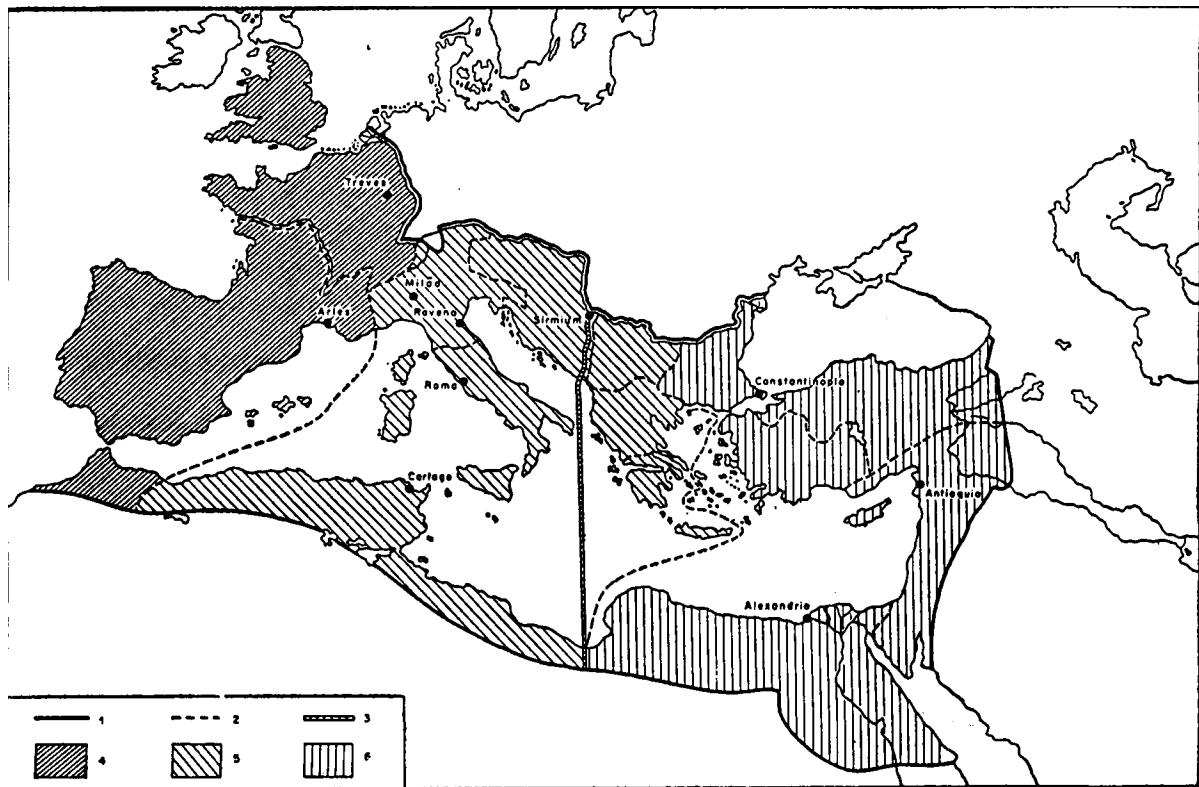
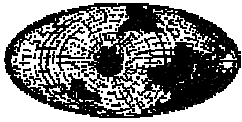


FIG. 16. — DIOCESES E PREFEITURAS EM 395

1, fronteira do Império; 2, limite de diocese; 3, limite das "partes" oriental (Arcádio) e ocidental (Honório) do Império no fim de 395; 4, prefeitura do pretório das Gálias; 5, prefeitura da Ilíria-Itália-Africa; 6, prefeitura do Oriente.

*Roma e seu Império – André Aymard – Jeannine Auboyer*  
*Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1958 – Vol. II – p.287*



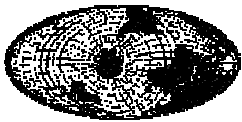
Os Imperadores são obrigados a designar um co-imperador e os dois tem que designar sucessores. Na ausência destas medidas, as partes divididas tendem, no Baixo Império, a proclamar independência ou seus comandos militares tendem a se apossar do poder central e Roma caí, finda a Pax Augusta, novamente nos ciclos de golpes de Estado e Guerras Civis. Com isto, se enfraquece a defesa das fronteiras e a atividade econômica no interior do Mundo Mediterrâneo entra, novamente, em crise. Para salvar este complexo imperial de sua destruição, seria necessário que Roma tivesse podido realizar uma Revolução Industrial e Tecnológica, que lhe desse meios de comunicação mais efetivos, exércitos mais potentes nas fronteiras e, sobretudo, que tornasse o trabalho escravo desnecessário. Nada disto foi possível nas condições da época. A desordem interna, mais a paralisia nas relações econômicas, determinada pela escravatura, fazem o edifício do Império tremer com choques sucessivos, de dentro e de fora. Uma solução que surge é empregar mais e mais bárbaros, enquanto os ricos e seus escravos e dependentes fogem das cidades para os campos, onde procuram a salvação diante destas tempestades, na propriedade auto-abastecida. A civilização urbana regride e um mundo que já tinha sido pontilhado de cidades e cortado por estradas, vai declinar para uma sociedade ilhada, no meio dos campos e das florestas.

A escravidão, que determinou a alienação de grande parte da população romana, que não trabalhava e considerava o trabalho algo degradante, “coisa de escravos...” foi uma das causas de sua decadência.

O trabalho escravo contribuía, inclusive, para frear e sufocar as invenções e novidades técnicas que pudessem melhorar o aproveitamento da mão de obra. Os proprietários romanos, inclusive, achavam que não deviam colocar meios de trabalho ou ferramentas muito preciosas nas mãos dos escravos, pois as iriam destruir, em pouco tempo, pela má utilização, dando, assim, prejuízo.

ENTRETANTO, a ideia de escravizar os derrotados em guerras era uma ideia fixa no Mundo Antigo e que terminou com ele, até ser revivida na colonização das Américas.

Pelo gráfico que reproduzimos a seguir, todos podem bem apreciar o aumento que a prática da escravidão vai apresentando, conforme a condição das sociedades melhora. Em sociedades que tinham sua estrutura baseada na agricultura superior, como era o caso de Roma, 78% tiveram nos escravos a base de sua exploração econômica.



parecen las ventajas explotadoras de la esclavitud. 2) En el nivel de los recolectores de alimento y de los cazadores inferiores, la población se agrupa estrechamente alrededor de las fuentes de alimentos; las bocas extra por alimentar constituyen una desventaja, y como los esclavos no producen un incremento apreciable sobre lo que consumen, no son por ello deseados. No es, por consiguiente, que los pueblos más sencillos sean más humanitarios que los más avanzados. Los cazadores muestran la misma actividad en la matanza de los enemigos cautivos que los pueblos situados en otro nivel de desarrollo económico.

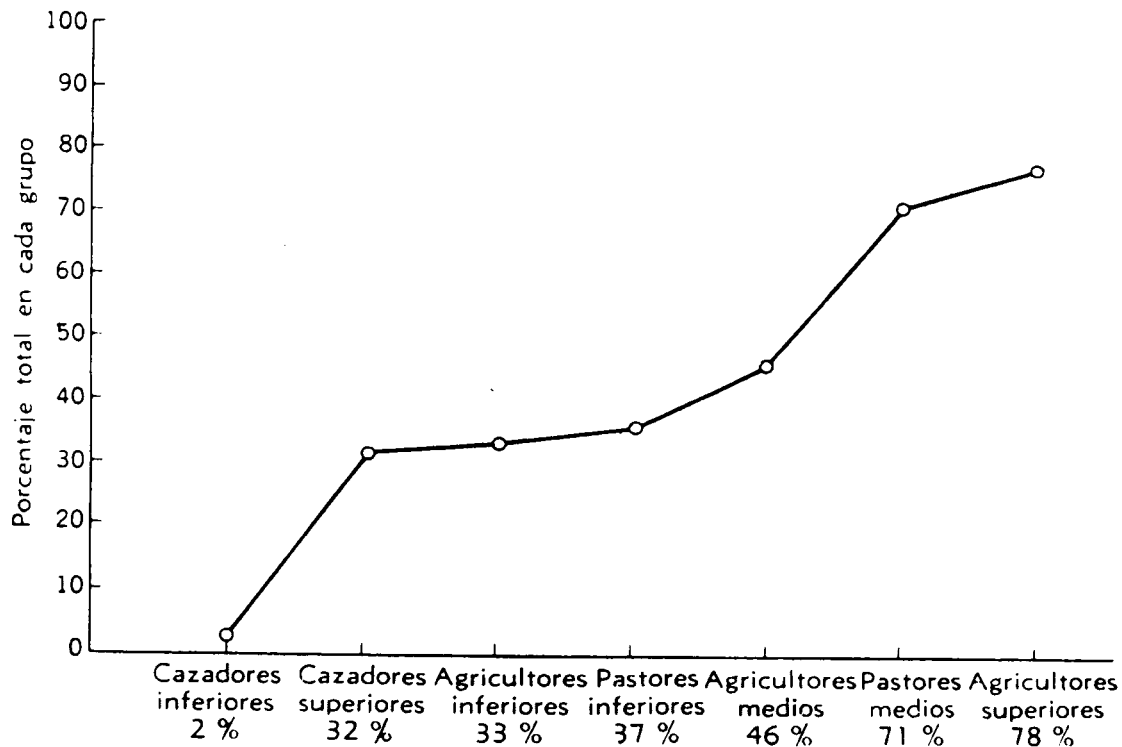


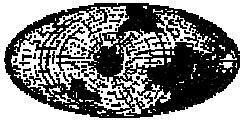
FIG. 24-2. Frecuencia porcentual de la esclavitud según los tipos de subsistencia.

*Introducción a la Antropología – E. Adamson Hoebel*

*Omega, Barcelona, 1961 – p. 466*

O próprio império Romano vai preparar, portanto, a organização econômica da Idade Média, em especial no seu período final, chamado, igualmente, por alguns, de Antiguidade Tardia.

E para entendermos, perfeitamente, o que representa isto, basta colocar o seguinte ponto: as cidades desapareceram da Europa por cerca de 600 anos! EIS o que significou, em termos de vitória do barbarismo e impacto sobre a Civilização, a queda do Império Romano.



Aqui é bom esquematizar, pois temos os seguintes fenômenos ocorrendo, simultaneamente:

1. Queda do Império Romano
2. Queda da Civilização Antiga ( Clássica Ocidental )
3. Queda do Mundo Urbano e mais:
  1. Regressão de Roma para a Neolítico
  2. Ascensão do Barbarismo

Mas, ao mesmo tempo:

1. Continuidade de Roma no Oriente, até 1453
2. Retomada de Roma Oriental ( Bizâncio ) pelos Tzares

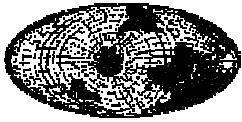
## 6. O DESAPARECIMENTO DO MUNDO DAS CIDADES

Roma, segundo se concorda, geralmente, teria da ordem de um milhão de habitantes. Já vimos que existiam milhares de cidades. Todas ligadas por estradas, com seu abastecimento de água, cloacas, mercados, teatros, etc. Toda esta vida urbana, muito rica como fenômeno humano, vai deixar de existir. Os chamados decuriões, aqueles cavaleiros ricos que eram os que se elegiam para os cargos municipais, já deixam de querer esta posição, na metade do Baixo Império. É que o cargo público era gratuito e mais: tornava o decurião responsável pela arrecadação dos impostos. Em todo o declínio de Roma, que vai conduzir a decadência, encontramos esta questão: os impostos estão muito elevados!

Para fugir aos impostos sobre a riqueza, os milionários fogem para vilas suntuosas, no interior e agrupam, ao seu redor, seus escravos e seus clientes, a quem vem se juntar o proletariado rural ao redor, para pedir proteção, tanto contra extorsões por parte de agentes arrecadadores do Império como, depois, contra os bandos e os próprios bárbaros.

Estas vilas romanas é que vão, aos poucos, dando início à propriedade rural feudal, auto-abastecida e sem comunicação com o exterior, que aos poucos, as razias dos bárbaros obrigam a criar, no centro, uma fortificação ( castellum ) para onde devem fugir os habitantes das redondezas com seu gado, no caso de ataque.

Enquanto isto, as cidades, agora muradas, vão diminuindo de tamanho até o mais completo abandono. O período em que a Europa deixou de ser uma Civilização ( de cívitas: cidades ) e se tornou rural, novamente, dura, como já vimos, uns 600 anos. O avanço do Islã, no século VII, tomando os domínios



mediterrâneos de Bizâncio, no Oriente Médio e na África, terminam com o que resta, inclusive, do antigo e florescente comércio marítimo, e até as cidades portuárias ou a elas ligadas entram em decadência e abandono. Roma, de um milhão, ainda conservou de 15 a 20 mil habitantes, mas era caso extremo. As demais desapareceram e só por volta do ano mil.

“ Tem-se como absolutamente certo que, a partir do século VIII, a Europa Ocidental regrediu ao estado de região exclusivamente agrícola..., o aparecimento do Feudalismo nada mais é do que a repercussão, na ordem política, do retorno da sociedade a uma civilização puramente rural...” (Henri Pirenne - História Econômica e Social da Idade Média, Mestre Jou, S.P., 1968, p.13). Somente durante a Renascença, a Europa vai voltar a ter uma vida em cidades comparável à dos tempos Romanos!

Portanto, a Queda de Roma é uma tragédia, eis que é, também, a Queda de toda uma Civilização. A Antiguidade, que tinha sua continuidade desde a Antiga Grécia, chega ao seu final. Outro mundo surge: bárbaro, primitivo e ocupa o seu lugar.

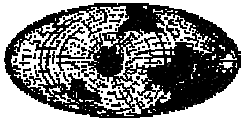
É por este fenômeno de destruição pelos Bárbaros, além de decadência interna pelo seu próprio sistema econômico, que os Árabes vão poder ter o seu momento de glória, em sua conquista do Império Romano do Oriente. É por isto que eles vão poder dizer que eram muito mais civilizados que os europeus. De fato eram, tamanha foi a queda da Europa Ocidental e da Civilização Clássica, com a tomada pelo Bárbaros de todo o poder em Roma Ocidental.

## 7. IRONIA: OS BÁRBAROS SÃO CRISTÃOS.

É verdade que são de um grupo que tem suas próprias idéias, os Arianos, mas, seja como for, são cristãos. É por isto, entre outras causas, que se infiltram, aos poucos no tecido do Império sendo contratados como colonos e como militares e, depois, para todos os afazeres.

Um bispo católico, Sinésio, contemporâneo destes acontecimentos, escrevia:

A defesa da Pátria e das Leis pertence aos que tem interesse em defendê-las. Se o pastor mistura lobos com os cães, desgraça para ele! Eles devorarão o rebanho e o pastor. Quando se pensa, o que pode fazer por nós esta juventude estrangeira, formada em leis e costumes diferentes, numerosa, entre nós? Devemos nos atemorizar. Apresente-se-lhes qualquer aparência de sucesso e veremos que pensamentos ocultos acalentam em segredo contra nós, nossos defensores de hoje Os bárbaros são todos eles, que os afastem! Que as magistraturas lhes sejam interditas e sobretudo a dignidade senatorial, esse cúmulo das honras romanas. No entanto, não há uma só de nossas famílias na



qual, pelo menos um godo não esteja ao seu serviço! Em nossas cidades, o pedreiro, o distribuidor de água, o carregador, são godos!”

( consultar sobre o impacto contemporâneo das invasões: Pierre Courcelle - História Literária das Grandes Invasões Germânicas, Vozes, Petrópolis,1950).

E, de fato, quando chegam nas fronteiras os godos, os ostrogodos, os burgúndios e muitos outros, fugindo da investida dos Hunos, que se derramam das vastidões das estepes da Ásia Central, os bárbaros de dentro do Império se unem aos que chegam, admitidos pacificamente, é verdade, mas que logo se voltam contra Roma.

Para maior confusão dos romanos, que haviam aderido ao deus dos cristãos, pequena seita de origens obscuras, mas, provavelmente, com centros difusores na Ásia Menor e no Egito, os bárbaros também são batizados e também são cristãos.

Mas, estão em luta com a igreja oficial, que é amparada pelos Imperadores. Mais uma razão, então, para verdadeiros choques civis, não só entre bárbaros e romanos, mas entre cristãos tradicionais ( trinitários ) e cristãos arianos.

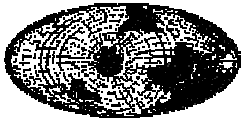
Esta disputa vai acelerar, ainda mais rapidamente, o desaparecimento da civilização antiga que, alias, o cristianismo fez muito por enfraquecer, substituindo o culto e as tradições mais antigas pela nova ideologia religiosa e social.

## 8. OS ARIANOS

Não nos cabe, aqui, examinar a questão da crença dos bárbaros, batizados pelo bispo Ulfilas. Diremos, apenas, que eram seguidores da doutrina de Ário, que tem um que a ver com a grave questão de ser o deus cristão único ou, na verdade, uma continuação, por outros meios, da idéia de vários deuses.

O ponto essencial, que foi condenado no Concílio de Nicéia esta expresso no cânone: “e a quantos dizem: ‘antes de nascer ele não era’ ; foi feito do não existente ou de outra substância ou essência”, seja anátema.” Ário defendia, tranquilamente, o seguinte ponto: “ mas antes de ter sido gerado ou criado ou nomeado ou estabelecido, ele não existia, pois ele não era ingênito. Somos perseguidos porque afirmamos que o filho tem um início, enquanto Deus é sem início. Eis por que somos perseguidos e também a razão pela qual afirmamos que ele é do que não é, justificando essa afirmação porquanto ele não é parte de Deus nem deriva de substância alguma. Por isto, somos perseguidos, mas vós, meu caro Eusébio, sabeis o resto... etc.”

Ário tendia a concordar com outros grupos ( heresias, como dizem os



cânones católicos ) que queriam dar para o chamado Jesus Cristo uma outra categoria, que não deus, quem sabe um deus inferior ( um Paracleto ). Estas doutrinas também tendiam a não aceitar o entronamento da velha deusa Isis, introduzida em definitivo por Calígula, sob o nome de Virgem Maria, Mãe de Deus. Se o deus tinha existido sempre como podia ter mãe? Assim, ensinavam a doutrina da Cristotókos ou invés de Theotókos. Enfim, as celebres Bizantínicas, que fariam furor e morticínio, durante os tempos do Império Romano do Oriente.

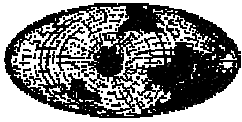
Registre-se que os Bárbaros levaram suas crenças e suas dúvidas para a África, e por todo o resto do Império, formando o caldeirão em que estas idéias vão permitir uma vitória mais fácil do Islã, no século VII.

### 9. PROGRESSO TÉCNICO:

Estes problemas religiosos são aflorados aqui e serão tratados em outras palestras, futuramente, porque tem importância para esclarecer alguns pontos hoje em jogo. A posição fundamentalista de parte da elite norte-americana ( já tratado na palestra de dezembro de 2002, sobre um possível golpe nos EUA, em função de desestabilização durante o prosseguimento da guerra ao terror ). A idéia dos americanos de impor aos árabes do Iraque a “democracia” é uma violência cultural, pois estes princípios são o resultado da evolução lenta de costumes e idéias dentro da civilização ocidental e estão muito ligados ao problema da religião e de como ele foi tratado em nossa civilização. De fato, o progresso nos direitos humanos e na vida civil em geral só foi possível porque os senhores laicos medievais e renascentistas acharam a concorrência com o poder temporal da Igreja algo negativo e que não queriam compartilhar. É a luta entre estas duas posições que leva, aos poucos, ao desenvolvimento do que nós chamamos democracia. Mas, no Islã, a diferenciação entre o Estado e a Religião não é aceita. Logo uma evolução de idéias e de curso histórico igual ao dos ideais ocidentais é impossível. E, por isto, o Islã se fundamentaliza e reage: ele não quer renunciar a isto que é parte da essência de sua singularidade. Ele quer se preservar como civilização independente. Estamos assistindo, quem sabe, a uma Nova Guerra Religiosa sendo gestada nas terras do Oriente Médio?

Da mesma forma a questão do progresso. Por que Roma não desenvolveu a ciência e a tecnologia? Por que os árabes estão na mesma situação?

“no curso da história mundial, o impulso progressista em tecnologia não foi estável. A esfera tecnológica não é autodeterminante e autônoma, e não o cria por si mesma. As esferas tecnológicas não progredem tendo por base apenas o conhecimento das possibilidades técnicas. Elas derivam das instituições que devem criar as necessidades efetivas para a incorporação dos avanços técnicos.” (Caráter e estrutura social, Hans Gerth e Wrigth Mills, Civilização Brasileira,



Rio, 1967, p. 411/412).

As instituições, principalmente quando dominadas pela religião, tendem a ser altamente negativas quanto a qualquer progresso, em especial no domínio da técnica, que altera a produção e o consumo e termina por alterar as estruturas sociais, com sua hierarquia e valores.

Assim, o progresso, que é outro objetivo da democracia, não é algo privilegiado no mundo árabe onde, ao invés, a tradição tem papel fundamental. Por isto, é muita ingenuidade de parte das elites americanas declararem que vão democratizar o Oriente Médio e o Mundo Árabe.

### 10. O QUE QUEREM OS EUA?

Neste caso, o que querem os Estados Unidos?

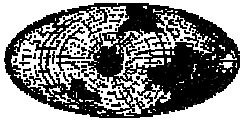
Por contraste, qual era o ideal Romano? Felizmente, conservou-se um documento de Salústio, um historiador romano contemporâneo de César (Caio Salústio Crispo, 86-35 ANE ), onde ele traça a ideologia que deveria reger a política do Império, quando se desejava que César fosse coroado rei:

“as nações sujeitas deverão convencer-se que nós não as consideramos escravas, nem seres inferiores e que amar e defender a causa pública romana e, para elas, defender e amar a própria causa. Desejaria que todos os estrangeiros recebessem o direito de cidadão romano para que, então, filhos de uma mesma cidade, a única verdadeira pátria do universo, só vissem nas suas terras de origem campos e aldeias de Roma.”

De fato, em 212, depois de muitos e muitos outros éditos ampliatórios, o Imperador Caracala tornou todos os 120 milhões de habitantes do império, cidadãos romanos.

Por contraste, o Presidente George W. Bush, em documento apresentado perante o Congresso dos Estados Unidos, em 20 de setembro de 2002, definindo a política de defesa dos EUA, afirmou:

“defender a nossa nação contra seus inimigos é o primeiro e fundamental compromisso do Governo Federal. Nos dias de hoje esta tarefa sofreu alterações drásticas. Os inimigos do passado precisavam de grandes exércitos e grande capacidade industrial para colocar os Estados Unidos em perigo. Agora, redes obscuras formadas por indivíduos podem trazer grande caos e sofrimento em nossas terras... Os terroristas estão organizados para penetrar em sociedades abertas e voltar contra nós o poder da tecnologia moderna. A América agirá



contras estas ameaças emergentes antes mesmo que elas estejam totalmente formadas. No mundo no qual ingressamos, o único caminho para garantir a paz e a segurança é o da ação.”.

E a conhecida consultora de segurança nacional Condolezza Rice, expressou, também, na mesma linha, os seguintes pontos:

“política externa, trata-se, essencialmente, de segurança. Trata-se de defender nosso povo, nossa sociedade, nossos valores, tais como liberdade, tolerância, abertura e diversidade. É nas nossas cidades que estes valores são mais bem lembrados... (ao contrário...) a mentalidade que prevalece em muitos lugares do mundo segundo a qual diferença justifica ódio, e é uma licença para matar. A América é a prova de que o pluralismo e a tolerância são as fundações da verdadeira grandeza nacional. Hoje, 385 dias depois do 11 de setembro de 2001, está claro que o compromisso com os nossos ideais está cada vez mais forte. Para apoiar os meios de defender a paz, os Estados Unidos irão construir e manter forças militares, no século XXI, que não poderão ser desafiadas. Nós tentaremos dissuadir todos os adversários em potencial de tentarem obter uma preparação militar com a esperança de suplantar ou se equiparar ao poder dos Estados Unidos. O poder importa para a conduta dos assuntos mundiais.”

Estas citações conforme “Política Externa”, editora Paz e Terra, São Paulo, nº. 3, volume 11, dezembro 2002, número dedicado a nova doutrina de segurança dos Estados Unidos.

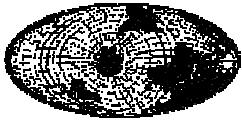
Não existe nenhuma idéia de universalismo nestas declarações, mas sim e essencialmente, a idéia de defender os Estados Unidos contra qualquer agressão externa, tomando para isto as medidas devidas: dotando os americanos de uma enorme força militar, que esmague qualquer outra e atacando os adversários em potencial, onde quer que eles estejam.

Desnecessário dizer que é uma doutrina dura, realista ao extremo e muito perigosa.

Os Estados Unidos podem deixar de ter, no processo, a Hegemonia e pasarem a ter uma outra posição na ordem mundial.

Ora, esta posição é, exatamente, a do Império. Mas um Império diverso do Romano, que queria homogeneizar as populações num todo

“Roma transformou em realidade o antigo ditado, tantas vezes repetido que é a terra e a mãe e a pátria comum dos homens. Hoje, é facultado aos gregos e aos Bárbaros andarem em toda a parte onde querem, deixando ou levando seus bens, cômoda e agradavelmente,



como se passassem de uma a outra pátria.”

( Retor Élio Aristides, panegírico a Antonino Pio ).

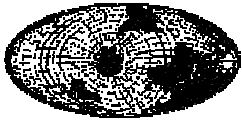
Os americanos, nem por isto estão errados. O final da União Soviética, a ascensão da União Européia, os progressos da China, a potência incubada no Japão, a imensa riqueza que detém o Mundo Árabe, o potencial atômico da dupla Índia-Paquistão e mais o Terror Global, colocam uma realidade muito clara:

O final da União Soviética será sentido por muito e muito tempo, ainda, com o fim de um poder de contra-peso que ajuda a manter o mundo alinhado a certas regras e procedimentos, agora rompidos, o que leva a América do Norte, já unida em Bloco Econômico, a ser o maior e incontestável poder mundial. Com isto, sem desafios verdadeiros, os americanos se desgarram da velha ordem que eles mesmos erigiram ao final da 2ª Guerra Mundial ( o sistema das Nações Unidas, da legitimação da guerra pelo conselho de segurança, etc ) e passam a exercer um Poder Imperial de fato e, no entanto, sem serem nem almejem vir a ser um Império. Os Estados Unidos não planejam criar territórios coloniais, nem absorver outros países em sua federação. Isto seria um Império, clássico. Ou colonial. Não. No entanto, os Estados Unidos já destruíram o direito de autodeterminação estatal (criado pelo tratado das nações de 1645) invadindo e destituindo o governo do Afeganistão e do Iraque. E, é pouco provável que parem aí.

Isto tudo significa, em minha opinião, que estamos entrando - depois do 11 de setembro de 2001 - em um novo mundo, em que temos que reajustar nossas idéias e conceitos sobre as relações internacionais.

Ao que tudo indica, muito do que foi erigido em princípios internacionais, e que valeu durante a 3ª Guerra Mundial, a chamada Guerra Fria, deixou de ter validade depois que começou esta estranha 4ª Guerra Mundial, contra o Terror Global.

Observe-se que os Estados Unidos, pelo seu Presidente, se declararam em guerra contra ninguém ou, se preferirem, contra Osama Bin-Laden e a El Quaeda. Ou seja, a guerra, que era, até então, um fenômeno de luta entre Estados passou a ser de particulares contra um Estado, mas sem ocupação de território liberado ( princípio da guerra civil, que pode ser reconhecido internacionalmente como guerra ).



É doutrina dos americanos, a possibilidade de travar até duas guerras locais de vulto e mais alguma coisa, com suas tropas. Ou seja, tem tropas suficientes para ameaçar e efetivar ameaças em quase qualquer local do mundo.

Mas o mundo, por sua vez, se tornou um local mais complicado.

O analista Joseph Nye, em artigo na Economist, já chamou a atenção para um atual conflito em três dimensões:

No primeiro tabuleiro de xadrez, está o poder militar.

No segundo tabuleiro de xadrez estão as forças econômicas

No terceiro tabuleiro de xadrez estão as atividades transnacionais

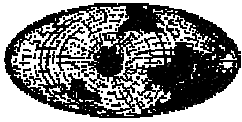
( The New Rome meets the New Barbarians, The Economist, 23/02/2002, p.24 ). Esta idéia de um xadrez tridimensional, onde os conflitos se travam em três níveis e no qual os Estados Unidos só tem a supremacia no nível um, nos remetem diretamente para a questão do Declínio Relativo da América. Pelos dados de 1997, últimos que temos disponível, a situação era a seguinte:

Estados Unidos	25,2%	do PIB Mundial
União Européia	28,3%	do PIB Mundial
Japão	17,6%	do PIB Mundial
China	4,0%	do PIB Mundial
Brasil	3,0%	do PIB Mundial

(Brasil: estimativa. FGS)

#### CONCLUSÃO:

Queremos, então, concluir estas rápidas notas, dizendo que o processo de declínio, decadência e queda de Roma foi uma tragédia, que mergulhou a Europa no caos, por centenas de anos. Antes disto, tinha sido possível a Pax Romana, por 250 anos. Agora, não existe projeto de império, pois os EUA já estão, relativamente, abaixo, no PIB Mundial da Europa e isto vai se acentuar, com o aumento da Comunidade Européia. Por outro lado, a China avança para se tornar um poder muito grande, em 30/50 anos o que em termos de estratégia nacional é muito pouco. Assim, o desgaste americano ao atacar o Iraque só pode estar relacionado com o domínio da Ásia Central, seus recursos energéticos, que podem suprir a China, o Japão, a Índia e o Sudeste Asiático. Esta guerra e uma Campanha dentro da 4ª Guerra contra o Terror e visa ocupar posições para os Estados Unidos emergirem no século XXII ainda como uma forte potência militar. A economia será outra questão e como fecharão esta equação e a incógnita: uma Guerra Religiosa salvaria a hegemonia? Este pode ser um caminho. O futuro nos mostrará.



Citação final:

“o objetivo central dos Estados Unidos deveria ser o de manipular os principais atores geoestratégicos da Eurásia fazendo com que a supremacia global americana tenha longevidade e estabilidade. A Eurásia é o mais importante tabuleiro de xadrez do mundo, para o exercício do poder.”

( Zibgnew Brzezinski - O grande jogo de xadrez: A primazia dos Estados Unidos e seus Imperativos Geoestratégicos, em inglês, Basic Books, NW, 1997 ). Com mapas e esquemas, precisaria ser traduzido por alguma editora para que o nosso público tomasse conhecimento dos grandes planos para o século XXII que as elites americanas planejam.